



## **SINCRETISMO RELIGIOSO NO BRASIL COLONIAL**

**Autor: Rafael Gabriel dias verli**

**Orientador: Msc. Paulo Vinicius da Silva Santana**

**Curso: História Período:8 Área de pesquisa: História da religião**

**Resumo:** O presente artigo buscar descrever a importância e o surgimento do sincretismo religioso nas terras colônias, analisando diversos grupos como os escravos, indígenas e cristãos-novos. Através desses relatos é destacado a religiosidade de cada um desses grupos e a presença e influência da igreja católica na colônia que praticava intolerância religiosa fazendo com que o sincretismo fizesse parte da religiosidade colonial, sendo essa mistura parte do cotidiano do homem colonial. Essa fusão religiosa é notada atualmente na religiosidade da sociedade atual, sendo ela fruto de diversas crenças diferentes que foram se unindo e se adaptando, contribuindo para que ela sobrevivesse ao longo dos séculos.

**Palavras-chave:** Sincretismo, Igreja Católica, Inquisição, Religiosidade.

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com grande quantidade de adeptos a religião. O presente artigo analisará como tal fator emergiu em terra colonial e como alargou-se e, o mais importante: por que houve a ocorrência de um sincretismo tão forte em uma colônia em que predominava o catolicismo e a Inquisição que condenava qualquer outro tipo de crença que não condizia com o catolicismo romano.

Além disso, o presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão sucinta da influência religiosa no Novo Mundo, dando ênfase às heterogêneas linhas de pensamento, com enfoque nas análises clássicas de Laura de Mello e Souza e Ronaldo Vainfas. Tendo a consciência de que:

A religião é um dos fatores mais característicos de um povo; analisando-a cuidadosamente, é possível estudar o modo como os homens se relacionam e como é o contato deles com a natureza e com o desconhecido. É de se esperar que a formação dos elementos religiosos seja algo único e complexo, já que não há dois lugares com mesmas condições no mundo (OLIVEIRA, 2012, p.3).

Tendo em vista que este artigo busca descrever a religiosidade que marcou a vida do homem colonial e relatar uma vida sincrética e multifacetada pela diversidade religiosa que emergiu no Brasil colônia. Segundo Souza (2009, p.127), Novo Mundo foi marcado por uma catequização superficial, onde os Jesuítas estavam mais preocupados em vestir o Índio do que ensinar a fé católica. Sendo assim, poderia o despreparo dos Jesuítas ter sido o fator determinante que culminou nas heresias dos novos originados na fé? Desse modo, esse processo de misturas religiosas que conseguiram sobreviver e se adaptar em meio à perseguição realizada pela Igreja será analisado, sabendo que, o Brasil estava povoado por diferentes etnias, em que cada uma trouxe consigo a suas crenças e conseguiram mantê-las acesas ao longo da história do Brasil (VAINFAS, SOUZA, 2000).

Além disso, levantou-se outra questão, com relação à Inquisição, muitos considerados hereges foram julgados e condenados pelo Santo Ofício, todavia, os Cristãos-novos foram alvo de maior e mais brutal perseguição em terras coloniais, mas a que se deve este fato? Pois, segundo Vainfas (2010, p.247), o período medieval foi marcado por uma constante luta contra os hereges, sendo eles aqueles que divergiam e agiam de forma contrária aos pensamentos e dogmas da Igreja Católica, eles eram considerados como pessoas que se desviaram da “verdadeira fé” na visão da igreja católica. Sendo assim, seriam eles hereges ou meros injustiçados?

A religião durante séculos motivou guerras, governos e conflitos, e por causa dela sociedades se desenvolveram ao redor de igrejas, por conta da grande influência que ela possuía. Sendo assim, ela deve ser estudada e analisada ao longo do tempo, tendo em vista, que suas questões são capazes de gerir os rumos do mundo, levando-se em conta que ela é um instrumento de controle de pensamento e de aplicação de ideologias, com isso, se faz notória a importância deste artigo e desta temática. Além disso, o homem durante séculos buscou explicar as catástrofes por meio da religião, como por exemplo a explicação de catástrofes naturais sendo provenientes da fúria divina, demonstrando assim um desejo de se ter uma explicação metafísica por parte dos seres humanos.

A religião sempre teve um aspecto intelectual. O crente tem idéias bem definidas sobre como a humanidade e o mundo vieram a existir,

sobre a divindade e o sentido da vida. Esse é o repertório de idéias da religião, que se expressam por cerimônias religiosas (ritos) e pela arte, mas em primeiro lugar pela linguagem. Tais expressões lingüísticas podem ser escrituras sagradas, credos, doutrinas ou mitos (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2000, p.18).

Com o objetivo de mostrar a imposição do catolicismo sobre as demais religiões, que se utilizava da Inquisição como forma de controle e punição, que caracterizava indivíduos como hereges, será analisada, neste trabalho, a opressão religiosa e a má formação e catequização dos jesuítas no Brasil. A fim de analisar, se, de fato, as heresias na colônia foram frutos de uma religiosidade superficial? O índio utilizou da violência para não se sujeitar a uma fé apenas prática? Por que as senzalas foram fundamentais para a preservação das crenças e culturas africanas?

Assim sendo, o trabalho objetiva analisar todas essas questões inerentes a imposição da religião e seus impactos ao longo dos séculos.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. Referencial Teórico**

#### **2.1.1. Trazendo o cristianismo para o Brasil: Jesuítas e Indígenas nos primeiros anos**

De acordo com Souza (2009), a Contrarreforma colaborou para que o catolicismo chegasse ao Novo Mundo. Desse modo, os portugueses foram os primeiros colonizadores a desembarcaram na colônia onde seu deus era desconhecido, e num cenário em que Tupã era a figura de destaque dos Tupis que habitavam essas terras a serem colonizadas, sem contar os inúmeros outros deuses que já eram reverenciados pelos nativos que já residiam no Brasil, dessa maneira, ao desembarcarem os colonizadores se deparam com um povo que praticava uma religiosidade politeísta. Sendo assim, iniciou-se o processo de colonização e com ele uma imposição de uma nova religião, manifestando-se assim, um catolicismo na colônia, e este daria início ao sincretismo religioso no Novo Mundo: “Se o catolicismo na Europa já havia sofrido influência das crenças pagãs, sua manifestação popular no Brasil seria contaminada pelas diversas culturas religiosas em contato tornando-se dinâmica e assumindo variadas manifestações” (FONSECA, 2012, p. 113).

Sendo assim, o período Colonial foi marcado por um catolicismo sincrético, e isso, mesmo apesar do Santo Ofício e a Inquisição buscarem controlar toda forma de heresias e paganismos na colônia, e mesmo trazendo punição para qualquer outra crença que não fosse o catolicismo, tendo em vista que: “O cristianismo vivido pelo povo caracterizava-se por um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação na liturgia, sem a compreensão do sentido dos sacramentos e da própria missa (SOUZA, 2009, p.124)”.

De modo que, foram os Jesuítas grandes contribuintes para o sincretismo no Brasil, mesmo tentando combatê-lo, e isso por conta dos próprios jesuítas, ao longo do tempo, terem visto na mistura e na aculturação a melhor forma de ensinar o índio e combater as supostas heresias, o que faz com que sua trajetória seja de suma importância para a compreensão sincrética colonial.

De forma que, o primeiro contato entre portugueses e os nativos se deu através da prática de escambo, que se tratava da troca de objetos, mercadorias ou serviços, sem que o uso da moeda fosse feito, entre colonizadores e indígenas. Sendo assim, esse primeiro contato era voltado para fatores econômicos, mas

também envolvia fatores religiosos que levavam os nativos até mesmo considerarem os portugueses como deuses:

O europeu saltava em terra escorregada em índia nua; os próprios padres da companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se aos europeus por um pente ou um caco de espelho. (FREYRE, 2000, p. 161).

Segundo Vainfas e Souza (2000), os portugueses fizeram uma forma de escambo com os nativos da terra, haja vista que, a visão indígena com relação aos portugueses era de que eles possuíam algo de divino, e conforme sua tradição e acreditavam estarem fazendo oferendas para os deuses (portugueses). Dessa maneira, os primeiros contatos entre os nativos da terra e os recém-chegados pode ser descrito como contato econômico e o religioso, baseado no escambo como forma de oferenda. Pois, assim como o homem religioso fazia promessas e votos aos seus santos em troca de algo, os nativos também o faziam, todavia, o que mudava era a direção dessas oferendas, com isso, se torna nítido que esse primeiro contato além de econômico, foi também religioso, afinal, a prática do escambo pertencia a culturas primitivas, em que se ofereciam ofertas em troca de algo para os deuses, exatamente como os indígenas fizeram para com os portugueses no Novo Mundo. “A oferenda (do latim *offerre*, "trazer" ou "oferecer") é o tipo mais comum de sacrifício e provavelmente o mais antigo. Oferece-se um presente aos deuses e se espera outro em troca” (GAADER, HELLERN, NOTAKER, 2000, p.27).

Entretanto, esse interesse econômico contribuiu para que o Brasil fosse marcado por uma religiosidade superficial, em que o ensino era desprezado, e os indígenas, acabaram sendo considerados hereges, por viverem, segundo os jesuítas, como gente apartada de Deus, e isso foi colaborando para o desânimo da catequização que os Jesuítas realizavam, fazendo com que o catolicismo fosse fluindo marcado pelo legalismo e pragmatismo religioso.

De acordo com Macedo (2008), a chegada dos portugueses ao Novo Mundo, trouxe consigo uma nova crença baseada no catolicismo romano. Sendo o primeiro contato com os nativos da terra, passivo e erigido através do escambo, todavia, os portugueses inspirados pela Contrarreforma, e a fim de colonizar e levar a fé católica para novos horizontes, tendo encontrado diversas tribos que não condiziam com suas crenças e nunca se quer tinham ouvido falar do Deus que eles traziam consigo, tentaram implementar essa nova religião, marcada pelo monoteísmo, na vida dos nativos.

E, a partir do primeiro contato entre portugueses e os nativos, estes sentiram a necessidade de uma catequização que tentaria mudar a religiosidade que os indígenas praticavam, sendo através da implantação de um sincretismo, mesmo sem intenção da igreja.

O campo da historiografia descreve o modo como a religião colonial foi marcada diversas vezes pelo uso da violência e da luta doutrinária dos jesuítas para com os nativos, sendo estes incumbidos de evangelizar e catequizar os nativos que ali viviam. Todavia, na prática, tal ideia de convivência pacífica e de total aceitação e submissão por parte dos indígenas não ocorreu como prevista pelos jesuítas, que afirmavam que: “Porque a gente destas terras é a mais bruta, a mais ingrata, a mais

inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas há no mundo” (VAINFAS, 2009, p. 45).

De acordo com Vainfas (2010), em carta de 1519 a Carlos I, era admirável de se ver o modo de vida e práticas que os índios possuíam, pois: “considerando ser gente bárbara e tão apartada do conhecimento de Deus, sem nenhum temor a devidas práticas”.

Ainda segundo Vainfas e Souza (2000), numa visão religiosa, os primeiros contatos entre jesuítas e indígenas se deram de forma árdua, sendo marcados pela rejeição e pela luta, e os nativos que não abandonavam suas antigas crenças, as quais eram baseadas no politeísmo, e sendo assim, eram consideradas abomináveis a igreja a qual os jesuítas representavam, e diante dessa situação de não dominação dos indígenas, os jesuítas consideravam que eles poderiam estar guiados por espíritos malignos que faziam com que eles praticassem tais atos, diante dessa situação, e contrários a toda selvageria dos índios, os jesuítas tinham como solução a domesticação dos nativos, mas isso se daria de forma cruel e em grande parte das vezes sem nenhum sucesso:

Repetiu-se à exaustão que os nativos não pronunciavam as letras F, L e R por não terem fé, nem lei, nem rei, o que, às vezes, significa vê-los como pobres inocentes em estado de homem, mas para os jesuítas era claro sinal de anarquia diabólica em que viviam (VAINFAS, 2010, p.46).

Nóbrega, que foi o primeiro provincial dos Inacianos no Brasil, escreveu em uma das suas cartas que os nativos eram como papéis em branco, em que toda catequização e aculturação seria facilmente implantada em suas vidas. Todavia, com o passar do tempo, viu-se que a tarefa de catequizar e vestir o indígena seria uma tarefa árdua e em muitas vezes sem resultados. Analisando o fato, os nativos não entendiam muito bem o propósito de toda aquela crença, e nem por que não poderiam mais ter várias mulheres e muito menos o motivo de não poderem mais praticar a antropofagia, que se tratava da alimentação com carne humana, antes praticada pelos indígenas, sendo que tais práticas cercavam os hábitos dos nativos (VAINFAS, SOUZA, 2000, p.12).

Segundo Souza (2009), a ideia de uma propagação de fé não estava pautada somente no interesse pelas almas no reino de Deus do catolicismo, pois havia todo um fator econômico por detrás dessas ações, que eram baseadas no sistema de Padroado, pois: “A fé não se apresentava isolada da empresa ultramarina: propagava-se a fé, mas colonizava-se também” (SOUZA, 2009, p.49).

Com base em Oliveira (2012), a função dos jesuítas era a conversão e a educação dos indígenas brasileiros, até então considerados como povos bárbaros pelos portugueses, e com dominados por demônios. E, uma vez convertidos e catequizados, os índios poderiam receber ordens mais facilmente e assim, serviriam como mão-de-obra sem que houvesse nenhum tipo de resistência, assim sendo, o objetivo era o de pacificá-los para dominá-los e explorá-los. Todavia, essa catequização não foi possível sem a infiltração do sincretismo, que se iniciou na colônia através desse processo educacional de catequese.

De acordo com Vainfas, Souza (2000) que concorda com Souza (2009), no que diz a respeito à catequização, os jesuítas demonstravam uma má vontade em catequizar os índios, e a forma que eles os viam era com uma visão superficial, afinal, muitos jesuítas já haviam perdido a esperança no processo de catequização, devido à má conduta em que viviam os índios, pois: “O cristianismo vivido pelo povo

caracterizava-se por um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação na liturgia sem a compreensão do sentido dos sacramentos e da própria missa” (SOUZA, 2009, p.124).

A chegada de cristãos no mundo indígena inseriu-se num processo de dinamismo cultural, de reinterpretação e adaptação. A chegada dos elementos europeus entre os tupis, por exemplo, associava-se “com a volta de heróis míticos ou divindades” (Macedo apud Castro, 2008, p. 6).

E dessa forma, esse profundo desconhecimento dos dogmas fez com que a adaptação do sincretismo fosse ganhando forças, devido ao fato de ocorrer um catolicismo superficial, no que diz respeito ao desconhecimento dos dogmas do catolicismo. Além disso, foram vários os fatores que contribuíram e dificultavam o processo de catequização, fazendo com que os jesuítas adotassem medidas sincréticas para alcançar e catequizar os nativos.

De acordo com Souza (2009), no século XVI foram sendo fundados colégios pelos próprios padres, em que eles mesmos ministravam aulas, ensinavam a ler, a escrever e a rezar o “Pai Nosso”, assim sendo, foram eles os primeiros educadores do Brasil, tudo para “Glória de Deus”. Afinal, era muito mais fácil ensinar os mais novos com ideais ainda em formação, porém no que se referia aos mais velhos, os padres encontravam grande dificuldade, e diante dessa situação, como fator estratégico começaram a se comparar e a se intitular como verdadeiros pajés, (que eram os líderes das tribos dos nativos), e isso, a fim de obter a submissão e o controle sobre os nativos, e devido a isso, surgiram também várias pessoas que não faziam parte da Companhia de Jesus se intitulando líderes religiosos para convencer e liderar tribos.

De acordo com Vainfas e Souza (2000), durante o processo de colonização, portugueses e as mulheres indígenas mantiveram relações sexuais, que acabaram por gerar muitos filhos mestiços, e esses filhos nascidos posteriormente na colônia, estariam entregues ao sincretismo pelo fato de não participarem de uma cristandade romana, além disso, a ausência de um bispado também nos 100 primeiros anos de colonização, ocasionou a má catequização por parte dos jesuítas. Pois, aprendiam a ler, mas logo esqueciam, mal sabiam o significado do “Pai Nosso” recitado tantas vezes, porém sempre se lembravam de seus rituais direcionados à Tupã.

Naquele período a Igreja, funcionava como sistema de Padroado, buscando fatores voltados para o Estado, mesmo que isso acabasse desenvolvendo uma mistura religiosa aguda, (VAINFAS, SOUZA, 2000).

Ainda segundo Vainfas (2010), o surgimento do sincretismo colonial se iniciou com o surgimento de um sincretismo linguístico, sendo ele desenvolvido por Jesuítas para a comunicação e catequização dos índios. Sendo assim, foram utilizados nomes de deuses indígenas para a representatividade do Deus dos portugueses, gerando, então, extrema confusão na concepção religiosa dos nativos catequizados, sendo que:

O catolicismo ensinando e dramatizado em “língua geral” e com base em imagens e significados extraídos da cultura nativa podia ter lá sua eficácia [...] as crianças que, pela tenra idade, estavam em condições melhores de aprendizado. Tal método trazia, porém, grandes riscos, sobretudo o risco de que o catolicismo fosse assimilado à moda Tupi,

canibalizando e devorado como no repasto cerimonial. (VAINFAS, SOUZA, 2000, p.16).

No conceito de Oliveira (2012), ocorreu uma concordância ao dizer que os acontecimentos são bem claros, levando-se em consideração que o processo de colonização se inicia com a chegada dos portugueses que, inicialmente, tentaram catequizar os nativos. E, para tanto, os jesuítas precisaram utilizar as crenças indígenas como base para essa catequização, moldando a maioria dos deuses da mata como demônios, de modo que, eles aprendessem o cristianismo e rejeitassem seus próprios deuses. Essa foi uma das primeiras ocorrências de sincretismo religioso em terras brasileiras juntamente com a contribuição da “língua geral”.

E de acordo com Macedo (2008), a parte integrante do quadro religioso brasileiro, os indígenas, tinham suas culturas e crenças antes do advento dos portugueses e do catolicismo nas terras brasileiras, tendo diversas tribos diferentes entre si, e em sua maioria com deuses também diferentes e divergentes, desse modo, a Igreja Católica para obter sucesso na catequização, teve que negociar com elementos culturais indígenas, assimilando-os aos elementos do próprio Catolicismo, resultando numa fusão de religiões diferentes.

### **2.1.2. Religião no Período Colonial Brasileiro: Africanos**

Além dos indígenas que vivenciaram o sincretismo religioso, outra etnia que não passou despercebida foram os africanos, advindos de diversas áreas geográficas diferentes do continente Africano. Todavia, foram eles fortes contribuintes dessa mistura de crenças no cenário colonial, tendo em vista que: “No momento de sua entrada na colônia brasileira a esse cadinho católico somaram-se as religiões ancestrais africanas, muçulmano-africanas (ou muçulmanas sincretizadas na África) e uma diversidade de concepções religiosas indígenas” (FONSECA, 2012, p.112).

Segundo Fonseca (2012), os africanos possuíam um sistema de crenças e de costumes religiosos para cada comunidade, sendo que, cada povo ou grupo étnico possuía sua própria religião específica, com seus vários deuses diferentes. Posteriormente, os europeus denominariam esses cultos como animistas (que é uma cosmovisão de que entidades humanas possuem essência espiritual), pois, acreditavam que os espíritos permaneciam entre os vivos, crença esta que colaboraria para o sincretismo afro-brasileiro. Haja vista que, esses espíritos entravam em contato com os vivos através do transe e da possessão, como ocorre no culto vodu.

O sincretismo parece-nos evidente, no Brasil, pela própria história do país. Nossos colonizadores portugueses sempre contaram, em seu território, com a presença de povos de procedências diversas, desde os romanos, na Antigüidade e através de toda a Idade Média, com os chamados povos bárbaros, e, depois, com os árabes e judeus, até a época dos descobrimentos. Fomos formados, depois, com a contribuição das mais diversas culturas, procedentes do continente africano, que se somaram às numerosas nações indígenas encontradas em nosso vasto território. Assim o contato entre múltiplas culturas sempre foi característico de nossa sociedade [...] (FERRETI, 2007, p.4).

Para Souza (2009), a diversidade de culturas e de crenças diferentes fez com que a fusão religiosa florescesse a ponto que os padres e senhores de engenho

tapassem os olhos para o processo de multifacetação colonial. Foi esse arcabouço religioso diverso em seus conteúdos, mas comum em sua essência, que os africanos trouxeram para o Brasil, Segundo Fonseca (2012), esse universo espiritual é composto por três mundos interligados. O primeiro é o meio ambiente, ou seja, o mundo natural. O segundo é composto pelos seres imateriais aos quais as pessoas se dirigem para pedir proteção e auxílio, assim como a figura que os santos desenvolveram fortemente na colônia.

Normalmente esses seres considerados imateriais seriam pessoas que morreram e depois de algum tempo se tornaram divindades ou uma força natural que pode interferir na vida das pessoas, tanto para o bem quanto para o mal, que eram a representatividade dos santos que ora eram cultuados, outrora, vítimas de heresias, como relata Vainfas e Souza (2000). Eles eram invocados e cultuados nos altares familiares em que recebiam também as oferendas. Sendo que, o bem-estar daquela comunidade dependia da relação entre os vivos e os mortos, que era estabelecida através de seus cultos aos ancestrais, sendo que, quando ocorriam catástrofes e epidemias elas eram caracterizadas como castigo divino, e caso ocorressem fatos benevolentes, isso era visto como sinal de que os deuses estavam pacíficos com relação a humanidade, estando assim, de certa forma satisfeitos com ela.

Já Fonseca (2012), analisa o sincretismo religioso baseando-se em outros contextos, e utiliza-se também do catolicismo da África, comparando-o ao do Brasil, sendo assim, ele chega a conclusões através da observação de diferentes lugares em que o catolicismo predominou. É importante ressaltar aqui que o nosso objeto de estudo se concentra no sincretismo afro-brasileiro, porém, também é importante observar sua incidência no antigo mundo colonial escravista para assim observarmos a validade de nossa hipótese, assim como observar, a título de registro, que o sincretismo religioso foi amplamente praticado por diversas populações nativas da América Ibérica. E, no caso do Brasil foram mantidas e adaptadas a santos católicos, levando-se em consideração que:

Mistura de pensamentos ou opiniões diversas para formar um único. Ecletismo. Assimilação. Integração. No caso dos cultos afro-brasileiros, assimilação de um orixá, vodun ou divindade bântu a um santo católico, formando uma só divindade. Ex.: Oxalá = Sr. do Bonfim (Bahia), Ogun = São Jorge (Rio) etc. No mina-jeje (Maranhão) não há sincretismo. F. – Port., do grego. (1988). (FONSECA, 2012, p. 97)

Conforme Fonseca (2012), anteriormente à chegada de muitos negros ao Brasil, o catolicismo já havia transitado entre muitos deles em suas terras natais. Todavia, mesmo já tendo tido contato com o Catolicismo, ao chegarem em terras coloniais, continuaram com suas crenças e as mantiveram, praticando-as, de forma heterogênea, mas preservada. De forma que, esse sincretismo colonial afrodescendente já havia sido iniciado na colonização africana, fator este que apenas se repetiria no Novo Mundo, no entanto, de forma mais aguda do que como ocorrido na África, em que os Orixás ganhavam nome de santos, surgindo assim os devotos da cor que eram os santos negros adaptados pelos escravos como forma de aceitação e inclusão religiosa.

De acordo com Souza (2009), as senzalas foram palcos sincréticos, devido ao fato de que os senhores de escravos permitirem, como forma de controle sobre os escravos, que eles cultuassem seus deuses, e dessa maneira, as crenças



trazidas da África agiam como uma forma de ópio para as dores do dia-a-dia dos negros escravizados, pois: “Negar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do seu cativeiro, é querê-los desconsolados e melancólicos, de pouca vida e saúde” (SOUZA, 2009, p.128).

E para Fonseca (2012), o próprio catolicismo, ao adotar o culto aos santos criou uma situação que facilitou o sincretismo, e o restante ficou por conta das práticas populares, muitas vezes contrárias até mesmo aos cânones dessa religião.

E segundo Vainfas e Souza (2000), o culto aos santos negros foi uma forma de adaptação e de aceitação, de certa forma, por parte dos negros ao catolicismo, pois eles acabaram por criar uma religiosidade voltada para suas práticas culturais e que de algum modo lhes mais comum, mais parecida com eles, mesmo que apenas fisicamente.

Pois, de acordo com Ferreti (2007), o homem religioso, mesmo estando vinculado a uma instituição, tende a adquirir os elementos com os quais se identifica, reinterpretando-os e adaptando-os para si, coisa que o homem colonial fez muito bem, como nota-se na religião dos negros escravizados.

E, segundo Ferreti (2007), o sincretismo nas religiões afro-brasileiras não representa um disfarce de entidades africanas em santos católicos, mas sim, uma ‘reinvenção de significados’ e uma ‘circularidade de culturas’, pois, ele trata-se de uma estratégia de transculturação, que refletia a sabedoria que os fundadores trouxeram da África, sendo que, eles e seus descendentes, a ampliaram ao se estabelecerem de forma brutal no Brasil. Dessa forma, em decorrência desse sincretismo, pode-se dizer que as religiões afro-brasileiras têm mistura africana que se mescla à religiosidade católica, porém, atuando de modo diferente das matrizes que as geraram, pois foi sendo reinventada em solo colonial, apenas como forma de manter seu viés ideológico.

Para Souza (2009, p. 127), na colônia, os padres haviam de se munir de muita paciência, para suplantar o catolicismo imperfeito dos escravos, e o pouco caso de senhores relapsos, que também eram tidos como responsáveis pelos defeitos do catolicismo dos cativos. Além disso, os cativos sabiam perfeitamente a quantidade de covas que haviam de plantar num dia, a quantidade de cana e diversas coisas concernentes ao serviço cotidiano, todavia, não aprendiam a se confessar, a rezar ou mesmo a anunciar os Dez Mandamentos, e isso “tudo por falta de ensino”, com isso, diante da necessidade de um ensino de qualidade que jamais aparecia, os escravos acabavam vivendo de forma leiga com relação ao catolicismo, sem ao menos saberem os princípios básicos que regem o cristianismo. E, por isso, eles acabaram reinventando alguns elementos dessa religião.

### **2.1.3. Sincretismo religioso no Novo Mundo: um retrato sincrético**

O sincretismo se espalhou e atuou na colônia de diversas formas, que serão nestes trabalhos descritos. através de: exemplos de Santos, cristãos-novos escravos, festas. Haja vista, destacando o sincretismo nesses grupos.

De acordo com Ferreti (2007), o sincretismo não implica em desmerecer nenhuma religião, mas sim, em constatar que como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora, englobando conteúdos de diversas origens, principalmente africanos como ocorreu no caso do Brasil. Tal fato não diminui, mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas, visando, além do processo de aculturação, a mistura religiosa desses povos.

Sabemos que o sincretismo religioso é um tema complexo e muito discutido. Embora não se restrinja ao campo da religião, abrangendo também toda a cultura, tem sido mais debatido no âmbito da religião. Todas as religiões são sincréticas, são frutos de contatos culturais múltiplos, mas todas se julgam puras, perfeitas e não se querem misturadas com outras que seriam impuras. Em nossa sociedade o sincretismo é mais discutido, principalmente em relação às religiões afro-brasileiras, consideradas religiões sincréticas por excelência, por terem sido formadas no Brasil com a inclusão de elementos de procedências africanas, ameríndias, católicas e outras. Atualmente no Brasil também se discute o sincretismo em relação às religiões neo-pentecostais, sobre as quais não nos referiremos aqui. (FERRETI, 2007, p.107).

De acordo com Souza (2009) no Brasil colônia, as diversas etnias, estariam condenadas ao sincretismo, e o que explica isso é o fato de que não se tinha, em termos, uma cristandade romana: um bispado em cem anos, e a ausência de visitas pastorais que vinham de Trento, que só seria aplicado posteriormente no século XIX.

Tendo em vista que, para Vainfas e Souza (2000), essa carência de visitas, deixou uma demanda na colônia, que fez com que o sincretismo fosse aflorando a ponto de os senhores de escravos deixarem que fosse realizado nas senzalas os rituais africanos, e de mesmo modo, os indígenas, continuavam com seus costumes, praticando ainda a antropofagia, isso tudo por conta da falta de ensino. Afinal: “O cristianismo vivido pelo povo caracterizava-se por um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação na liturgia sem a compreensão do sentido dos sacramentos e da própria missa” (SOUZA, 2009, p.120).

Além disso, os padres se queriam sabiam explicar se Cristo teria ressuscitado ou não, o que gerava uma confusão ainda maior na cabeça dos ouvintes, fazendo com que eles continuassem nas suas crenças, por não saberem ao certo o sentido da nova crença. Sendo assim, eles se batizavam no catolicismo e continuavam nas práticas antigas, contribuindo ainda mais para a existência desse sincretismo religioso no Brasil colonial. E assim sendo: “Todos se denominavam cristãos, são batizados e recebem o Santo Sacramento, e não sabem nem o pai-nosso, nem a Fé, nem os Dez mandamentos” [...] “Vivem como um rebanho inconscientes, como suínos desprovidos de razão” (SOUZA, 2009, p. 124).

E de acordo com Vainfas (2010), Martinho Lutero já relatava, mesmo anteriormente à chegada de colonizadores ao Brasil, sobre essa problemática de não abandono das práticas antigas por parte dos “novos adeptos do catolicismo”, no entanto, a falha educacional, baseada na catequização, foi sem sombra de dúvidas, muito pior em solo brasileiro do que na Europa Moderna.

De acordo com Souza (2009, p.117) o homem colonial não poderia se relacionar com o mundo espiritual sem o sincretismo.

Já Vainfas (2010), vê no sincretismo uma forma de inclusão e de preservação de crenças por parte dos nativos e dos negros escravizados, principalmente pelos trazidos do continente africano, em navios negreiros. Levando-se em consideração que:

Múltiplas tradições culturais desaguavam, assim, na feitiçaria e na religiosidade popular. Dar conta da dessa complexidade significava compreendê-la como o lugar em que se cruzavam e reelaboravam níveis culturais múltiplos, agentes de um longo processo sincretização (SOUZA, 2009, p. 27).

A diversidade de etnias vindas da África, misturadas nas senzalas, foram palcos primordiais para a fusão religiosa predomina-se na colônia. Contudo, o sincretismo não ficou restrito somente às senzalas, e com o passar do tempo adentrou também nas festas católicas, e foram essas festas que fizeram com que a fusão e a inclusão religiosa se destacassem no Brasil colônia, de modo que, as danças, que foram usadas pelos jesuítas como instrumentos de catequese dos indígenas, reapareceram com estilo pagão e miscigenado (VAINFAS, SOUZA, 2000).

Ainda de acordo com Vainfas e Souza (2000) e Souza (2009), os artesões de carros alegóricos, músicos e dançarinos aproveitaram essa inclusão para infiltrarem e reviverem as tradições africanas, contribuindo assim, para que houvesse o sincretismo colonial. Além de tudo isso, essas festas mantinham os negros e forros sobre controle, sendo assim, eram utilizadas como forma de ópio, em que haviam momentos em que o profano era esquecido, porém paradoxalmente a isto, estas festas eram rodeadas de atos profanos e de paganismo, todavia, cumpriam a missão de controlar os escravos, pois nelas eles esqueciam das lavouras e de todas as dores de seu cotidiano, mantendo-os assim, submissos, e isso era feito mesmo que significasse a “contaminação” do catolicismo, demonstrando assim, que a religião já atuava como forma de controle do indivíduo.

O sincretismo também não foi apenas um fator de resistência à dominação cultural e religiosa. Os que herdaram a religião dos antepassados africanos – o culto aos ancestrais, aos voduns, orixás, caboclos e encantados, tiveram também que aceitar a religião imposta pela dominação colonial, ficaram com as duas religiões e cultuam ambas com devoção idêntica. (FERRETI, 2007, p.112).

Para Vainfas e Souza (2000), compreende-se assim, o porquê da plasticidade do catolicismo vivenciado no Brasil, elástico a ponto de abrigar até mesmo outros deuses, demônios misturados com santos, e até mesmo anjos com diabretes. Compreende-se também a “exterioridade” deste catolicismo, seu caráter epidérmico e superficial, conforme muitos estudiosos apontaram. Porém, por outro lado, se faz nítida a importância das irmandades e misericórdias, mesmo que elas tenham deixado a desejar, pois elas eram instituições ordenadoras de um catolicismo leigo, no entanto, sem sua existência, seria impossível a evangelização do Brasil colônia, pois ela se fez presente mesmo nos primórdios do evangelismo colonial. Todavia, pela falha no ensinamento do catolicismo por parte dos Jesuítas, muitas fusões religiosas acabaram sendo implementadas, frutos de adaptações do catolicismo. Dessa forma, as festas repletas de paganismo, são vistas pela historiografia como forma de exemplificar a exterioridade religiosa colonial, pois são um retrato de como o ensino jesuítico e a catequização dos africanos, foi feito de forma superficial, o que é um dos fatores culminantes para que se tenha aflorado o sincretismo religioso no Brasil Colônia. Todavia, existem outros fatores que colaboraram para o sincretismo, entre eles a existência dos santos, Sendo assim:

Esse forte apego aos santos do catolicismo popular medieval europeu e português legou como herança cultural ao Brasil uma das mais ricas manifestações populares: a festa junina. Anteriormente era chamada de festa “joanina”, festa em homenagem a um dos santos mais importantes: São João. Toda a festa junina transparece

em sincretismos: a dança de quadrilha advinda de danças de cortes francesas, os mastros a simbolizar falos na Europa medieval, o rito de fertilidade no casamento e na fartura das comidas e doces, o santo homenageado nas ruas, nas danças. (MACEDO, 2008, p.4).

Esse sincretismo envolvendo as festas, foi fator inclusivo para uma igualdade social durante as festas, sendo difícil diferenciar ricos dos pobres durante as celebrações.

Segundo Macedo (2008), o sentimento religioso nasceu português, mas cresceu barroco, pois, dela herdou-se não só o estilo atormentado da nossa arte religiosa, mas também, herdou-se a importância dada às semanas santas e às festas populares, que são repletas de sincretismo, dessa maneira, o Barroco marcou profundamente a cultura brasileira nos seus insistentes apelos emotivos e piedosos, agindo também como forma de ensino para os leigos.

Destacando de forma historiográfica a respeito dos santos, Mata (2002), eleva a presença delas ao dizer que a proto-urbanização não foi somente um fator econômico alavancado no século do ouro, mas, sim, uma contribuição fortemente religiosa, onde os santos impulsionaram o surgimento das cidades ao redor de igrejas e surgimento de capelas. Para Souza (2009), os santos grandes representantes do que foi realmente o sincretismo colonial, foram eles que adentraram as casas de negros, judeus e vários moradores da colônia. Também utilizados como forma de inclusão, sendo eles adaptados para todo tipo de crenças que existiam e foram surgindo no Novo Mundo. Mata (2002), analisa nos santos um processo dualista, onde são referenciados, outrora, odiados. Esse dualismo religioso voltado para os santos, fez com que diversos habitantes da colônia fossem intitulados e relatados pela historiografia como hereges. “A intimidade com os santos, de que as blasfêmias paradoxalmente dão mostra, nos conduz a uma das mais poderosas faces da religiosidade vivida na colônia religiosidade profundamente ligada a estes “intercessores [...]” (VAINFAS, SOUZA, 2000, p.36).

Segundo Souza (2009), os santos destacaram-se no que diz respeito ao sincretismo religioso e ao mesmo tempo acabaram sendo contribuintes para o paganismo colonial, há vários relatos de padres que praticavam atos ilícitos com coisas sagradas, pois praticavam atos sexuais com terços em baixo da cama, além disso, muitas mulheres esfregavam a imagem de santo Antônio em suas partes íntimas, buscando loucamente o marido prometido pelos fieis desse santo do catolicismo, o que demonstra uma mistura entre o profano e o santo. Todavia, quando esses pedidos eram atendidos, os santos eram cultuados e tudo era motivo de júbilo, porém, quando não eram atendidos, os pedidos eram quebrados, ou mesmo jogados em rios.

Mata (2002), descreve casos de pedidos absurdos voltados para os santos, da mesma forma que Souza (2009), que descreve esse dualismo entre santo e profano, que demonstrava claramente a religiosidade superficial e leiga em que viviam os habitantes da colônia, com um catolicismo baseado no sistema de trocas, tendo em vista que, não foi exposto aos habitantes da colônia um ensino de qualidade que se voltasse para o real significado da reverência aos santos, falha grave até mesmo dos próprios padres, que acabaram se entregando aos prazeres carnavais que diziam desprezar. Acrescenta-se a isto a escassez dos quadros clericais e o despreparo de boa parte dos párocos, o que resultava em paróquias sem bispos ou dirigentes, especialmente nos dois primeiros séculos de colonização.

Ainda segundo Mata (2002), aos domingos, dia de missa, a cidade ficava vivificada e cheia de alegria, porém, ao chegar a segunda-feira todos voltavam para

seu local de origem, e assim, as paróquias ficavam vazias e sem vidas novamente, e essa evasão semanal fez com que paróquias e igrejas fossem surgindo, pois, havia nelas uma menor fiscalização por parte do Santo Ofício e sendo assim, podia-se aflorar o sincretismo nessas capelas e igrejas, entretanto, isso resultou em muitos senhores de escravos e donos de terras se denominando como sendo padres e líderes religiosos, sem ao menos saberem os princípios básicos dogmáticos da Igreja, acarretando ainda mais num sincretismo religioso, que atuava como forma de controle ideológico.

Outro grupo importante no que se refere ao surgimento desse sincretismo no Brasil Colônia são os cristãos novos, os judeus convertidos ao catolicismo que ali viviam, eram advindos de Portugal, e lá não podiam exercer livremente seus ritos. E, a priori, achavam que no Brasil, eles poderiam exercer a prática e rituais judaicos de forma livre, porém foram eles, os cristãos-novos, assim conhecidos após sua entrega ao catolicismo, os mais perseguidos pela Inquisição em solo brasileiro, sendo que:

Algo de muito distinto aconteceu com os cristãos-novos, os descendentes dos judeus convertidos a força ao catolicismo pelo rei Manuel, em 1497, muitos deles, famílias inteiras, vieram para o Brasil, sobretudo na segunda metade do século XVI, buscando fugir justamente da Inquisição recém-instalada no reino, entre 1536 e 1540 (VAINFAS, SOUZA, 2000, p.24).

Segundo Novinsky (2001), os judeus representaram um papel social, econômico e religioso no Brasil de suma importância, porém, a ênfase deste artigo é a de relatar o lado religioso ao qual tiveram forte participação na colônia brasileira. Sendo que, a Inquisição ordenou uma persistente fiscalização sobre os habitantes da colônia, culminando na prisão de muitos judeus (e até mesmo de portugueses), que foram julgados e mortos, acusados de praticar a religião proibida: o judaísmo, que trouxeram das suas terras natais. Esses dados se baseiam em pesquisas colhidas em manuscritos, principalmente nos processos de 57 prisioneiros, 11 dos quais já tinham nascido no Brasil. Mas a questão que se levanta é: seriam os cristãos-novos realmente hereges? “No caso do Brasil, a pergunta só pode começar a ser respondida se olharmos para o fim do século XVI, tempo em que o Santo Ofício de Lisboa enviou a célebre Visitação de 1591 à Bahia e a Pernambuco (VAINFAS, 2000, p. 25)”.

Para Vainfas e Souza (2000), a Inquisição foi fortemente voltada para esse grupo, e enquanto isso, outras crenças foram emergindo, contribuindo para a existência desse processo sincrético no Brasil, e devido a isso, na atualidade, tem-se outras religiões, tais como a Umbanda como uma das maiores manifestações do sincretismo religioso brasileiro, e paradoxalmente a isto, a religião dos cristãos-novos parece estar em minoria no que tange ao sincretismo, tendo em vista, que ele foi mais fortemente censurado no período colonial.

## 2.2. METODOLOGIA

O presente artigo busca demonstrar o sincretismo religioso no Brasil colônia, e isso, através de análises de diversos livros, dentre eles, o **“Brasil de todos os Santos”** Vainfas e Souza (2000) e **“O Diabo e a terra de Santa Cruz”**, Souza (2009). Quanto à sua abordagem, esta pesquisa pode ser caracterizada como sendo qualitativa, e isso, devido ao fato de que a pesquisa qualitativa trabalha com crenças. Com isso, para o devido fim dessa pesquisa, essa abordagem qualitativa é

de suma importância, uma vez que ela busca a compreensão e a explicação do sincretismo religioso.

Tendo em vista que, o objetivo dessa pesquisa é o de realizar críticas e dar explicações para o surgimento da mistura religiosa que marcou, e ainda marca a história do Brasil, e isso se fez também através de uma revisão bibliográfica, através de comparações e asserções que tecem a ideia de diversos autores voltados para a temática religiosa colonial. Além disso, esta pesquisa, também se utilizou de pesquisas descritivas para elucidar o objetivo de descrever as manifestações sincréticas, e utilizando ainda, como técnica desta pesquisa de análises de livros e de artigos científicos. Sendo este tipo de pesquisa benéfico para o entendimento não só do cenário colonial como também do cenário religioso atual.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a chegada dos portugueses ao Novo Mundo, ocorreu a mistura de povos diferentes e de crenças diferentes. Os jesuítas com objetivo catequizar as tribos que aqui viviam, todavia, pensaram que seria uma tarefa fácil. Como nos relata Souza (2009), Vainfas e Souza (2000), o trabalho dos jesuítas foi marcado por dificuldades por conta da não aceitação de muitos indígenas, e também pelos negros escravizados, que os catequizadores começaram a deixar o sincretismo florescer, pois não conseguiam controlar esses indivíduos como previam.

A ideia de que os nativos eram como papéis em branco sem identidade, e de que aceitariam qualquer crença colocada sobre eles caiu em desuso, pois os nativos depois de toda influência da religião católica, ainda assim permaneciam em suas crenças antigas, praticadas antes da colonização portuguesa. No entanto, diante dessa imposição do Catolicismo, só restou o sincretismo para esses nativos, que foram adotando práticas católicas e incumbindo-as na religião indígena, assim como também fizeram os escravos e judeus convertidos ao catolicismo.

De acordo com Souza (2009), uma das contribuições para que o sincretismo se propagasse no Brasil foi a falta de ensino de qualidade por parte dos primeiros educadores jesuítas. Devido a essa superficialidade em catequizar e ensinar o catolicismo, a falta de conhecimento e o mau entendimento de novas práticas os habitantes da colônia acabaram permanecendo nas antigas religiões que possuíam.

Desse modo, foi a exterioridade do catolicismo que fez com que o sincretismo ganhasse lugar e fosse a marca da religiosidade colonial. Tendo em vista que até mesmo os escravos não ficaram longe dessa catequização superficial, pois mesmo sendo definidos como católicos, nem ao menos sabiam rezar o “Pai-Nosso”, e se batizavam em nome de quem mal conheciam e nem mesmo entendiam a lógica do batismo, tudo isso, demonstra a falha do processo de catequização por parte da Igreja. Assim sendo, pode-se concluir que a catequização dos escravos foi pautada por fatores econômicos, e não pela conversão verdadeira ao catolicismo.

Além disso, os cristãos-novos que vieram para o Brasil buscando fugir da Inquisição, também viveram o sincretismo religioso, ao dizer que o sincretismo foi de forma superficial tem-se neles grandes exemplos. Vainfas e Souza (2000), afirma que quando a Holanda tomou o Nordeste em 1630, os judeus convertidos ao catolicismo que viviam nessa região voltaram a suas práticas do judaísmo, e isso, devido a presença que permitia tais práticas, porém, depois que a invasão holandesa foi expulsa, a influência católica volta a exercer poder no Nordeste do Brasil e os cristãos-novos voltam a praticar sua religião. Assim sendo, percebe-se que o catolicismo vivido por esse grupo estava voltado para a sobrevivência e não

para uma verdadeira conversão ao catolicismo, sendo eles os mais perseguidos pela Inquisição e julgados em Lisboa pela Inquisição.

Os africanos, Indígenas, cristãos-novos e vários grupos que viveram na colônia, sofreram grandes desafios. Os escravos depois de deixarem sua terra natal, viajaram em navios até chegarem ao Brasil e muitos não resistirão e viveram uma terrível condição de vida, humilhação, e tiveram que achar meios de sobrevivência na religião, fato este que fez com que a religião fosse um meio dos escravos encontrarem uma saída para toda a dor em que viviam, agindo como um ópio para o dia-a-dia. Pois foi, para eles, quase impossível praticar suas crenças em uma colônia dominada pela Igreja Católica, que não permitia outra religião a não ser o catolicismo, e que agia como dominadora, praticando punições através do Santo Ofício e da Inquisição para os considerados hereges.

E, através disso, de toda essa dificuldade, a intolerância religiosa que a igreja católica praticava foi vencida devido a contribuição do sincretismo religioso que colaborou para a permanência e sobrevivência das religiões africanas no Brasil.

Depois de 500 anos de lutas para alcançar a sobrevivência das crenças de cada grupo, sendo utilizados diversos meios de preservar a religião, sendo o principal o sincretismo. Baseando-se nisto, pode-se considerar que o sincretismo religioso foi benéfico para a religiosidade do Brasil e para a formação religiosa do país, pois sem ele, muitas tradições dos antepassados e a cultura vivida atualmente não existiriam, o que deixaria o Brasil mais pobre culturalmente e religiosamente. Foram lutas severas para manter a identidade de cada grupo da colônia, demonstrando a importância que os santos, principalmente os devotos da cor, tiveram para a sobrevivência do culto dos escravos, que fez com que seus cultos sobrevivessem e se perpetuassem na história da religiosidade brasileira.

#### 4. REFERÊNCIAS

FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo e religião na festa do Divino. **Revista ANTHROPOLOGICAS**, Recife, ano 11, v. 18 (2), 2007. p. 105-122.

FONSECA, Dante Ribeiro da. As raízes do sincretismo religioso afro-brasileiro. **Revista Língua Viva**, Guajará-Mirim/RO, vol. 2, n. 1, jul./dez. 2012. p. 96-136. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/linguaviva/article/view/567/665>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Editora Global, 2012.

Gaarder, Jostein, 1952- **O livro das religiões** / Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker ; tradução Isa Mara Lando ; revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. — São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. **Revista Agora**, Vitória, n. 7, 2008. p.1-20. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1918>>. Acesso em: 20 set. 2019.

MATA, Sergio da. **Chão de Deus**: Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais. Brasil, Séculos XVIII-XIX. Berlin: WVB, 2002.

NOVINSKY, Anita. Ser marrano em Minas Colonial. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, nº 40, 2001. p. 161-176. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 set. 2019.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia**. Ed Ática, 2002, São Paulo. SP, p.169.

RIBEIRO, Josenilda Oliveira. **Sincretismo religioso no Brasil**: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo. 2012. Tese (Graduação em Serviço Social) - Curso de Serviço Social, Centro de Ciências Sociais – CCSA, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2012. Disponível em: <<http://estrategistas.com/wp-content/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. **Brasil de Todos os Santos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil: Moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.